

A presença desse projeto na área de Fisioterapia Uropediátrica, proporcionou a integração entre ensino e serviço e criou um espaço para a pesquisa e produção de novos conhecimentos em um Hospital Público, representando uma inovação em Porto Alegre nesta área de atuação, proporcionando para esses pacientes e seus familiares um tratamento eficaz que contribui com a melhora na qualidade de vida e um desenvolvimento mais saudável.

2296

AVALIAÇÃO DA FUNCIONALIDADE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM OSTEOGÊNESE IMPERFEITA

ARTHUR CHEREM NETTO FERNANDES; TÊMIS MARIA FÉLIX

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: A osteogênese imperfeita (OI) é uma doença genética rara, relacionada a síntese do colágeno tipo I. Caracterizada pelo elevado número de fratura, pode levar a deformidades, diminuição da força muscular e baixa estatura, que somados a fatores biológicos e ambientais podem comprometer a funcionalidade. **Objetivos:** avaliar a funcionalidade de crianças e adolescentes com OI. **Metodologia:** Estudo transversal realizado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (CAAE: 15257519.0.0000.5327). Os critérios de inclusão foram o diagnóstico clínico de OI e idade entre 6-19 anos. Nos critérios de exclusão estavam a ocorrência de fratura nos últimos 4 meses e resultado da Escala Visual Analógica da Dor de 5 ou mais pontos. A força foi mensurada através da dinamometria de preensão palmar, o equilíbrio através da Pediatric Balance Scale (PBS), a hipermobilidade pelo escore de Mobilidade de Beighton. A funcionalidade foi avaliada pelo Pediatric Evaluation of Disability Inventory-Computer Adaptive Test (PEDI-CAT), que quantifica as habilidades das crianças em 4 domínios – atividades diárias, mobilidade, social/cognitivo e responsabilidade, sendo que um escore-T <30 é indicativo de deficiência grave. **Resultados:** Foram incluídas 11 meninas e 11 meninos com média de idade de 13,04±4,06 anos. OI tipo I compôs 77,27% da amostra, tipo IV 13,63% e tipo III e V representaram 4,54% cada. A força de preensão palmar foi significativamente menor que a média de mesma idade ($p < 0,001$) e 68,18% apresentaram hipermobilidade no escore de Beighton. A media da PBS foi 46,23±14,17, sendo o maior resultado possível 56, sendo que quanto menor o resultado, pior o equilíbrio da criança. Na avaliação da funcionalidade as crianças e adolescentes com OI apresentaram um escore <30 apenas no domínio Mobilidade (24±18,29). Nas atividades diárias os valores estavam dentro da media esperada (39,81±14,71). Os domínios social/cognitivo e responsabilidade apresentaram uma media de 44,05 e 46,55 respectivamente. **Conclusão:** Os achados sugerem que as crianças com OI apresentam um menor desenvolvimento em atividades relacionadas a mobilidade e uso de força, porém podem realizar as atividades de vida diária, aquisição de independência e relacionamentos de forma comparável a crianças com desenvolvimento típico.

O estudo foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

2318

INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA ESPECÍFICA PARA ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL

LUCAS LORENSI VIANA HEINRICH; ANDRIELLE CHRISTINE ROSA FARIAS; TATIANA FRAGA DALMASO; BRUNA BORBA NEVES

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno que pode afetar o desenvolvimento da comunicação, competências cognitivas, controle de emoções e interação social. O Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSi) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre presta atendimento especializado para crianças e adolescentes com transtornos mentais graves e persistentes, incluindo o TEA. Atualmente, dos 88 usuários com diagnóstico, 10 são do TEA. Entre as ações do serviço estão: consultas, atendimentos individuais, grupos e oficinas. Para realizar o acompanhamento, o CAPSi possui uma equipe multiprofissional, na qual se insere a educação física.

Objetivo: Apresentar o relato de experiências de uma intervenção terapêutica para adolescentes com TEA.

Metodologia: A intervenção foi coordenada pela profissional, residente e estagiário do núcleo da educação física. Os encontros tiveram duração de uma hora e trinta minutos, ocorreram semanalmente entre agosto de 2019 e março de 2020. O objetivo do atendimento foi: possibilitar o desenvolvimento da autonomia, de aspectos motores, afetivos e sociais através de atividades de vida diária e práticas corporais. Participaram da abordagem dois adolescentes com TEA que apresentavam dificuldades nas interações sociais, e não conseguiam manter-se em atividades em grupo. A intervenção seguia uma rotina: iniciava com o café da manhã, realizavam-se as práticas corporais, quadro do comportamento - no qual os usuários avaliavam a participação na atividade - e, por fim, o momento livre, em que podiam escolher uma atividade para realizar e uma música para escutar.

Observações: Durante as práticas corporais, o nível de complexidade das atividades e a integração entre participantes ocorreriam progressivamente. Iniciava-se pela a exploração de materiais e movimentações simples de forma individualizada. Em seguida, eram propostas atividades que envolviam a interação com a equipe e após, com o colega.

Considerações finais: Devido a heterogeneidade dos adolescentes com TEA, foi necessária a criação de ambiente acolhedor e estimulante para usuários que não se integram nos grupos vigentes. Percebemos, durante o atendimento, a melhora da autonomia, dos aspectos motores, das habilidades afetivas e sociais. Um dos desafios para efetivação deste tipo de abordagem relaciona-se com a necessidade de ter um membro da equipe por usuário, o que, diante da demanda do serviço, impossibilita aumentar a frequência dos atendimentos.